



Turismo - Visão e Ação

ISSN: 1415-6393

luiz.flores@univali.br

Universidade do Vale do Itajaí
Brasil

Viana Espírito Santo, Luiza Edmée; Ruiz de Macedo, Janete
PATRIMÔNIO CULTURAL E TURISMO NO MUNICÍPIO DE MARAÚ – BAHIA:
CONSTRUÇÕES DE UM DESTINO INDUTOR

Turismo - Visão e Ação, vol. 16, núm. 2, mayo-agosto, 2014, pp. 293-318
Universidade do Vale do Itajaí
Camboriú, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=261056067005>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc



Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

PATRIMÔNIO CULTURAL E TURISMO NO MUNICÍPIO DE MARAÚ – BAHIA: CONSTRUÇÕES DE UM DESTINO INDUTOR

*CULTURAL HERITAGE AND TOURISM IN THE MUNICIPALITY OF MARAÚ – BAHIA:
CONSTRUCTIONS OF AN INDULATOR DESTINATION*

*PATRIMONIO CULTURAL Y TURISMO EN EL MUNICIPIO DE MARAÚ – BAHÍA:
CONSTRUCCIONES DE UN DESTINO INDUCTOR*

Luiza Edmée Viana Espírito Santo

Mestre em Cultura e Turismo pela Universidade Estadual de Santa Cruz
Especialista em Administração de Alimentos e Bebidas pela Universidade Federal de Juiz de Fora
Graduada em Economia Doméstica pela Universidade Federal de Viçosa

Prefeitura Municipal de Maraú

luizaedmee@hotmail.com

Janete Ruiz de Macedo

Doutora em História pela Universidade de Leon
Especialista em História pela PUC/Minas Gerais
Graduada em História pela Universidade Federal de Pernambuco
janetermacedo@yahoo.com.br

Data Submissão:

26/09/2013

Data Aprovação:

03/06/2014

Resumo: O presente estudo teve como objetivo investigar o patrimônio cultural no município de Maraú, no sul do estado da Bahia. A metodologia utilizada para o seu desenvolvimento foi quali-quantitativa com abordagem exploratória. A pesquisa de campo foi realizada na sede do município de Maraú e no povoado de Barra Grande e se desenvolveu em duas etapas. Na primeira, foram realizadas entrevistas estruturadas individuais com amostragem aleatória. Na segunda etapa foram realizados grupos focais com alguns moradores dos locais pesquisados. Os resultados das duas etapas foram analisados individualmente e, posteriormente, integrados para descrever os bens culturais que foram considerados como patrimônio cultural dos locais pesquisados. Os resultados apontaram singularidades dos locais pesquisados, assim como demonstraram interferências que o movimento turístico tem promovido no modo de vida no povoado de Barra Grande. A partir da realidade identificada na pesquisa, propõe-se a necessidade de um planejamento turístico voltado para a sustentabilidade cultural do município.

Palavras-chave: Turismo. Cultura. Patrimônio cultural.

Abstract: The aim of this study was to investigate the cultural heritage in the county of Maraú in the south of the state of Bahia. It was developed using qualitative and quantitative methods, with an exploratory approach. The field research was carried out in the city of Maraú and in the village of Barra Grande. It was developed in two stages. In the first, individual structured interviews with random sampling were carried out. In the second, focus groups were carried out with some residents. The results of the two stages were analyzed individually and later integrated to describe the cultural assets which were considered as part of the cultural heritage of the places studied. The results pointed to peculiarities of the places studied, as well as interferences that the tourism movement has promoted in the way of life in the village of Barra Grande. Based on the reality identified, we propose the need for a tourism

planning that is concerned with the cultural maintenance of the municipality.

Keywords: Tourism. Culture. Cultural heritage.

Resumen: El presente estudio tuvo como objetivo investigar el patrimonio cultural en el municipio de Maraú, en el sur del estado de Bahía. La metodología utilizada para su desarrollo fue cualitativa y cuantitativa, con un abordaje exploratorio. La investigación de campo fue realizada en la sede del municipio de Maraú y en el pueblo de Barra Grande y se desarrolló en dos etapas. En la primera se realizaron entrevistas estructuradas individuales con muestreo aleatorio. En la segunda etapa fueron realizados grupos focales con algunos pobladores de los sitios estudiados. Los resultados de las dos etapas fueron analizados individualmente, y posteriormente integrados para describir los bienes culturales que fueron considerados como patrimonio cultural de los locales investigados. Los resultados mostraron las singularidades de los sitios estudiados, demostrando asimismo las interferencias que el movimiento turístico ha promovido en el modo de vida del pueblo de Barra Grande. A partir de la realidad identificada en la investigación se plantea la necesidad de un planeamiento turístico dirigido hacia la sostenibilidad cultural del municipio.

Palabras clave: Turismo. Cultura. Patrimonio cultural.

INTRODUÇÃO

Ao se pensar a cultura e a identidade como elementos fundamentais para o desenvolvimento do turismo, comprehende-se a identificação do patrimônio como meio primordial de valorização dos modos de vida e fortalecimento das comunidades face às transformações e aos encontros promovidos tanto pela globalização quanto pela atividade turística.

O município de Maraú se localiza no sul do estado da Bahia e está inserido na Baía de Camamu, a terceira maior baía do Brasil. Faz parte da zona turística denominada de Costa do Dendê e é um dos principais destinos turísticos do estado. Seus principais atrativos são praias, piscinas naturais cercadas por arrecifes, ilhas, cachoeiras e vasta extensão de Mata Atlântica.

O desenvolvimento da atividade turística desvinculado da valorização dos modos de vida das comunidades receptoras é motivo de preocupação, tendo em vista que os efeitos negativos gerados pelo turismo não devem ser maiores que os seus efeitos positivos. O papel dos estudos sociais tem sido fundamental para se pensar na dinâmica do turismo.

Considerando a potencialidade de Maraú e a observação de que a cultura local não tem sido valorizada no contexto turístico, percebe-se a necessidade de oferecer formas de identificação e registro do patrimônio, por compreender que o fortalecimento da cultura é aspecto primordial quando se trata da alteridade. Foi proposto dialogar com a comunidade sobre a importância da valorização dos seus modos de vida e a afirmação de suas identidades.

Este trabalho é resultado da pesquisa do Mestrado em Cultura e Turismo, intitulada "*Patrimônio, Cultura e Turismo em Maraú – BA: caminhos e descaminhos na construção de referência*", que teve como objetivo identificar o Patrimônio Cultural no município de Maraú, a partir da vida cotidiana e do discurso dos moradores.

A metodologia e os instrumentos de coleta de dados foram utilizados para possibilitar compreender o patrimônio a partir do olhar do morador, pois a essência da cultura, o significado simbólico dos bens culturais e a sua representatividade não poderiam ser determinados por percepções externas, deslocados da dinâmica da vivência cotidiana.

REVISÃO DE LITERATURA

Os estudos sobre patrimônio surgiram no início do século XX no Brasil, e tiveram como balizador a criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), primeiro órgão nacional para registro do patrimônio. A noção de patrimônio esteve durante muito tempo associada a relações de

poder e amarrada à história oficial, representativa de alguns grupos políticos, especialmente ao se tentar formatar um discurso de pertencimento e de identidade nacional (SANTOS, C. 1996).

Cabe destacar que durante a trajetória da definição do patrimônio brasileiro, transformações significativas foram instituídas, e as características de elitismo, pouca representatividade e alienação deram espaço à ampliação e à flexibilização dos conceitos e das metodologias patrimoniais, permitindo abranger a *micro-história* e as populações menos favorecidas, assim como incluir os bens imateriais como representativos da cultura, conforme apontam Regina Abreu (2005), Aloísio Magalhães (1985), Maria Cecília Fonseca (1996; 2000); Marilena Chauí (2006), Mariza Veloso Motta Santos (1996); Maria Tarsila Guedes (1987).

Paralelo às mudanças no campo do patrimônio, utilizou-se o viés antropológico da cultura, definindo-a como todo fazer humano, modo de viver, de pensar, e que, portanto, só será vivido a partir de experiências. Para Geertz (1989), os modos de pensar são socialmente construídos por meio de símbolos significantes, que são palavras, gestos, desenhos, sons musicais, artifícios mecânicos e todos os outros meios pelos quais o homem significa suas experiências. O mundo é ordenado em termos simbólicos, pela forma como são construídas as experiências com os outros e com o meio. Os padrões sociais – sistemas de significados criados historicamente – são a principal base da especificidade humana.

Nesse sentido, a cultura pode ser entendida, segundo Marilena Chauí (2006, p. 108), como “o campo das formas simbólicas produzidas em condições históricas determinadas” e, das quais o homem depende para construir/direcionar suas vivências em determinado espaço/tempo.

De acordo com Chauí (2006, p. 113):

Cultura é, pois, a maneira pela qual os homens se humanizam e, pelo trabalho, desnaturalizam a natureza por meio de práticas que criam a existência social, econômica, política, religiosa, intelectual e artística. O trabalho, a religião, a culinária, o vestuário, o mobiliário, as formas de habitação, os hábitos à mesa, as cerimônias, o modo de relacionar-se com os mais velhos e os mais jovens, com os animais e com a terra, os utensílios, as técnicas, as instituições sociais (como

a família) e políticas (como o Estado), os costumes diante da morte, a guerra, as ciências, a filosofia, as artes, os jogos, as festas, os tribunais, as relações amorosas, as diferenças sexuais e étnicas, tudo isso constitui a cultura como invenção da relação com o Outro – a natureza, os deuses, os estrangeiros, as etnias, as classes sociais, os antepassados, os inimigos e os amigos.

O turismo cultural, segundo Funari (2003), é aquele em que há uma atenção voltada à cultura das comunidades receptoras e, consequentemente, contribui para a valorização da diversidade cultural e para a formação de uma cidadania mais crítica. Para Barreto (2000, p. 11), turismo cultural é a modalidade de turismo em que o atrativo principal “não seja a natureza, mas algum aspecto da cultura humana. Esse aspecto pode ser a história, o cotidiano, o artesanato ou qualquer outro dos inúmeros aspectos que o conceito de cultura abrange”.

De acordo com Banducci Jr. e Barreto (2001), considerando o turismo como uma atividade essencialmente social, marcada pela alteridade, muitos pesquisadores têm buscado analisar o impacto desses encontros culturais, principalmente no que tange aos efeitos nas identidades das comunidades receptoras.

Hoje, numa tentativa extrema para recuperar seu patrimônio cultural destruído, um atrativo a mais para a promissora indústria do turismo, alguns municípios ensaiam a construção de simulacros da própria história e da própria identidade perdidas. Multiplicam-se processos de ressemantização de estruturas vazias com os novos ícones da florescente indústria de cultura de massa, bem como a construção de cenários às vezes até animados com personagens, mas isolados de qualquer contaminação com a realidade, espaços esvaziados de vida e conteúdo cultural que, no máximo, poderiam ser identificados como parques temáticos, todos iguais entre si. (SANTOS, C. 2003, p. 46).

A utilização da cultura para fins meramente comerciais, distanciada da identificação dos sujeitos, tem criado espaços vazios de significados, nos quais as populações residentes não se sentem reconhecidas ou pertencentes. Daí a importância de incluir a população no processo de identificação do patrimônio, para que se tenham resultados realmente significativos para os moradores e se entenda o sentido implícito em cada objeto ou manifestação. Segundo Simões (2006, p. 09), “necessário se faz uma perspectiva que não secundarize o bem simbólico em favor do objetivo econômico, entendendo que não pode haver desenvolvimento sem sustentabilidade do patrimônio”.

Entendendo o patrimônio como uma construção social, a identificação do patrimônio com a participação da comunidade se constituiu em uma possibilidade de ampliar as discussões sobre o conceito, estimular a valorização dos bens culturais e fortalecer as identidades locais. "Sendo uma idealização construída por uma sociedade sobre quais são os seus próprios valores culturais, o património serve, antes de mais, a fins de identificação colectiva, veiculando uma consciência e um sentimento de grupo, para os próprios e para os demais" (PERALTA, 2003, p. 3).

METODOLOGIA

A metodologia utilizada para realização da pesquisa foi quali-quantitativa com abordagem exploratória (APOLINÁRIO, 2006; GIL, 1999; MINAYO, 2007), produzida em duas etapas: levantamento de dados secundários por meio de pesquisa bibliográfica e levantamento de dados primários por meio de pesquisa de campo, na sede de Maraú e no povoado de Barra Grande. Os locais foram escolhidos devido às suas peculiaridades: a sede de Maraú por ser o local que concentra o maior número de moradores e também por ser o centro administrativo do município; o povoado de Barra Grande, devido ao fato de ser o principal núcleo receptor turístico.

Para a pesquisa de campo, a pesquisadora estabeleceu residência no município de Maraú pelo período de um ano, com o objetivo de conhecer a cultura local por meio da observação participante. A pesquisa de campo se desenvolveu da seguinte forma:

I – Realização de entrevistas estruturadas individuais com amostragem aleatória dentro do universo total de moradores de cada localidade, com utilização da fórmula para o cálculo de amostras para populações finitas (GIL, 1999). O tratamento dos dados foi feito por análise quantitativa simples, com identificação dos bens culturais mais citados.

II – Realização de Grupos Focais, com amostragem probabilística e não probabilística. A população probabilística foi formada por pessoas indicadas pela comunidade, como moradores mais antigos e representantes de grupos

culturais e associações. O instrumento utilizado para coleta foi o roteiro estruturado. As falas foram transcritas e analisadas.

Os instrumentos utilizados na coleta de dados (entrevista estrutural e roteiro) foram direcionados para avaliar os bens culturais mais significativos, com base em Lugares Frequentados, Data Comemorativa, Gastronomia, Atividade Artesanal, Manifestação Cultural e Tradição. Para concluir a análise dos resultados, os dados da primeira etapa permitiram quantificar os bens culturais mais citados pelos moradores, os quais foram definidos como Patrimônio Cultural de Maraú. As falas dos grupos focais deram subsídio para descrever os bens selecionados.

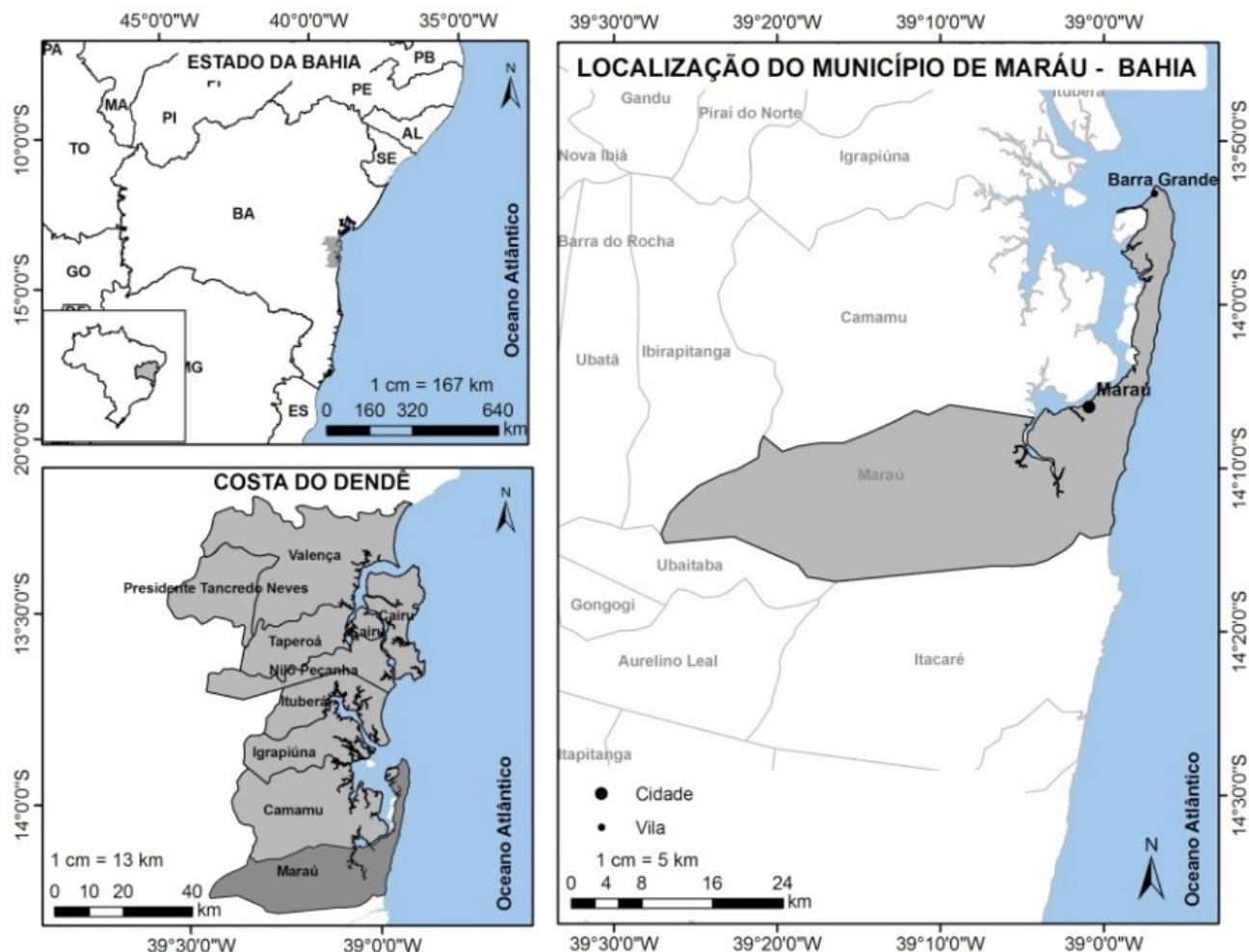
CARACTERIZAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO

Os primeiros registros históricos encontrados sobre Maraú datam do século XVIII e fazem referência aos Aldeamentos Indígenas existentes na Capitania dos Ilhéus. Consta que os capuchinhos italianos fundaram, no ano de 1705, o Aldeamento Jesuítico de São Sebastião de Mairahu, “que deu origem em 1718, à povoação que, em 1758, passaria à condição de vila de Maraú por pressão dos portugueses que moravam no entorno”, de acordo com Serafim Leite (apud DIAS, 2007, p. 196).

No final do século XIX e início do século XX, Maraú, assim como outras localidades do sul baiano, teve no plantio e na exportação do cacau a base da sua economia. No ano de 1938, a vila de Maraú foi emancipada e elevada à categoria de cidade. Ao final do século XX, principalmente após a crise na lavoura cacaueira, o turismo despontou como uma potencial atividade econômica na Península de Maraú.

O município de Maraú possui, de acordo com o IBGE (2014), 21.016 habitantes (população prevista para o ano de 2013) e aproximadamente 824 km² de extensão territorial. Compreende dois distritos e dezoito povoados, além da sede municipal. Integra a região turística denominada de Costa do Dendê. Atualmente, o turismo se desenvolve na extensão territorial denominada de Península, onde se localizam os povoados de Barra Grande, Taipu de Fora, Taipu de Dentro, Campinho, Saquaíra e Algodões.

Figura 01: Mapa de Localização do Município de Maraú, BA



Elaboração: GÓES, Liliane Matos (2010).

A notoriedade das praias de Maraú é comprovada pelo número de vezes em que figuraram nas listas das mais bonitas do país, como nas pesquisas realizadas por revistas de turismo e emissoras de televisão. Recentemente, a praia de Taipu de Fora fez parte da listagem da emissora americana CNN, que classificou as oito praias mais belas do Brasil.

Segundo o Programa de Regionalização do Ministério do Turismo, Maraú integra os 65 Destinos Indutores do Turismo no Brasil, entre os cinco selecionados no estado da Bahia. Destinos Indutores são lugares providos de infraestrutura básica e turística, bem como de atrativos qualificados, e que possuem capacidade para distribuir o fluxo turístico (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2014). São destinos com aptidão para impulsionar o desenvolvimento das regiões turísticas.

Paralelo ao desenvolvimento do turismo, a situação social do município é precária. De acordo com o IBGE (2010), o índice de incidência da pobreza era

de 55,60% no município. A dificuldade de acesso, a deficiência de mão de obra especializada, a extensão territorial e a condição socioeconômica dos municípios são fatores que devem ser considerados no planejamento do turismo. Segundo Banducci Jr. e Barretto (2001, p. 11):

Grande parte dos turistas desloca-se à procura de prazer em comunidades receptoras onde, via de regra, as condições socioeconômicas seguem a lógica da exclusão social. A maior parte dos anfitriões vê nos turistas fontes de renda e não pessoas. As trocas acontecem entre sujeitos que não enxergam a si mesmos como tais, a não ser como consumidores e prestadores de serviços, respectivamente.

Desta forma, faz-se necessário investir em mecanismos que possam fortalecer os sujeitos, reafirmando suas identidades e resguardando suas memórias. Diante disso, percebe-se importância da identificação do Patrimônio Cultural como um dos meios para valorizar e impulsionar a cultura local.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

CARACTERÍSTICAS DA AMOSTRA NA SEDE

Quanto à primeira etapa da pesquisa, foi realizado um total de 55 entrevistas anônimas na sede de Maraú, sendo que 33 dos entrevistados foram do sexo feminino, correspondente a 60% da amostragem total, e 22 do sexo masculino, correspondente a 40% do total. Quanto à *faixa etária*, o maior percentual de entrevistados esteve compreendido entre 26 e 45 anos de idade, o que correspondeu a 49% do total da amostragem, ou 27 entrevistados. Quanto ao *tempo de residência*, mais de 70% dos entrevistados é natural de Maraú ou reside há mais de 10 anos no município.

O grupo focal de Maraú foi realizado no dia 13 de julho, no Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) e teve, aproximadamente, três horas de duração. Estiveram presentes à reunião representantes dos seguintes segmentos: Secretaria Municipal de Turismo, Secretaria Municipal de Educação

e Cultura, Colônia de Pescadores, Associação de Moradores, Grupo de Teatro Amador, Grupo de Dança, Associação de Artesãos, Associação de Mulheres, somando um total de doze participantes. A quase totalidade dos participantes da reunião (95%) era nativa de Maraú, os demais residiam no município há mais de dez anos.

CARACTERÍSTICAS DA AMOSTRA NO POVOADO DE BARRA GRANDE

No povoado de Barra Grande foi realizado um total de 37 entrevistas estruturadas individuais anônimas, sendo que 40% dos entrevistados foram do sexo feminino, e 60% do sexo masculino. Quanto à *faixa etária*, o maior percentual de entrevistados esteve compreendido entre 26 e 45 anos de idade, o que correspondeu a 46% do total da amostragem. Em seguida, com idade entre 46 e 65 anos, houve 24%, com idade entre 66 e 85 houve 16%, e com idade entre 18 e 25 anos, houve 14%. Não houve entrevistado com idade superior a 85 anos.

O grupo foi formado por um total de onze pessoas. Entre os moradores nativos houve a presença de pescadores, comerciantes, donas de casa, professoras, representantes da Associação de Moradores e Associação de Esporte e Cultura. Também se contou com a participação de moradores locais que residem há menos de dez anos no povoado, mas que são participantes ativos da vida cultural local, por fazerem parte de grupos voluntários e associações que trabalham as questões sociais de Barra Grande. Além desses, houve a presença de uma turista, antropóloga.

I. Lugar mais frequentado

Sede - Os lugares mais citados foram os Bares/restaurantes (37% das citações), as Igrejas (30%), as Praças (19%), o Comércio (11%). A categoria "Outros" representou 4% do total. Os bares mais frequentados pelos moradores da sede de Maraú se localizavam no centro da cidade ou em suas proximidades. O bar mais citado pelos entrevistados foi o *Kioske*, situado na Praça Dr. José Ferreira da Cruz. A relação dos moradores com o determinado estabelecimento é tão significativa que a praça onde ele se localiza foi popularizada como *Praça do Kioske*.

Barra Grande – Sobre os lugares mais frequentados em Barra Grande, os entrevistados responderam: Praias (34 % das citações), Outros Povoados do Município (25%), Praças (15%), Igreja (8%), Bares/restaurantes (7%), Centro Cultural (7%). A categoria “Outros” representou 5% das citações totais. O povoado de Barra Grande é uma vila à beira-mar e concentra algumas das praias mais famosas da Península de Maraú. São essas praias os locais mais frequentados pelos entrevistados, além de outras dos povoados vizinhos, como Taipu de Fora e Campinho.

Figura 02: Praça do “Kioske”



Foto da autora, 2012.

Figura 03: Praia do Píer – Barra Grande



Foto da autora, 2012.

II. Data comemorativa

Sede - A festa mais lembrada pelos moradores foi a Festa do Padroeiro São Sebastião, com 52% do total de citações. Em seguida, as festas mais citadas pelos entrevistados foram: Carnaval (10%), São João (8%), Festa de Nossa Senhora da Conceição (7%), Dia da Cidade (5%), Natal (5%), 2 de julho (4%). A categoria “Outros” representou 7% das citações. Na categoria “Nenhuma” houve uma citação, o que representa 2% do total.

A Festa de São Sebastião, padroeiro da cidade, é a festa mais popular de todo o município de Maraú, atrai visitantes dos distritos e povoados, como também de cidades circunvizinhas. Geralmente, os marauenses que moram em outras cidades retornam no período da festa para participar das comemorações. Sobre detalhes da Festa de São Sebastião, um integrante do grupo focal comentou:

Começa no dia 19 de janeiro. A imagem cada ano fica em um povoado. Antigamente ficava em Cajaíba, Cajaíba pertence a Camamu. Veio outros padres e entrou em consenso com a comunidade que (o santo) deveria visitar os povoados do município. De certa forma quebra a tradição porque era só pra Cajaíba, né? Deu uma visibilidade maior, em termo assim, de cada ano uma localidade. Tá vindo assim, de Barra Grande, Campinhos, *ta descendo*. Tradição é a missa solene festiva, que de uma certa forma é uma tradição de muitos e muitos anos que existe. São Sebastião é dado como festa na cidade, de três a quatro dias de festa no município. A gente tem dia 21 a Caipora, que ainda sai todos os anos, é uma tradição, acompanhada do Cortejo, da Filarmônica, às 21hs (Participante 8. Grupo focal de Maraú, 2009).

A data oficial do evento é o dia 20 de janeiro, mas a festa começa desde o início do mês, com uma quermesse nas redondezas da Igreja Matriz. Uma semana antes da data oficial do evento, a escultura de São Sebastião é levada para um dos povoados. No final de semana que antecede o dia do santo, é realizada “festa de rua” na *Praça do Kioske*, com bandas regionais. No dia 19 de janeiro acontece a procissão marítima que sai da Sede para buscar o santo. A procissão é seguida por muitos barcos fretados pelos moradores e frequentadores da festa. Os barcos são decorados com plantas e bandeirolas. Algumas embarcações fecham pacote de passeio com grupos, levam bebidas, comidas e aproveitam o dia para visitar as praias. No dia 20 acontece a procissão

pela cidade de Maraú e o encerramento da festa religiosa. No dia 21 a festa de rua é encerrada com a apresentação da Caipora.

BarraGrande-Quando interrogados sobre as Principais Datas Comemorativas, a maioria dos entrevistados citou as festas juninas, tendo destaque a Festa de Santo Antônio (26% das citações) e São João (24%). Além dessas, foram citadas a Festa da Tainha (15%), o Réveillon (13%), a Festa de São Pedro (7%), a Festa de São Sebastião (4%), a festa de 7 de setembro (4%). A categoria "Outros" representou 4% das citações, foram citadas a Festa do Padroeiro de Campinho e do Dia da Consciência Negra. 4% da amostragem total não sabe/ não respondeu à pergunta.

A Festa de Santo Antônio, padroeiro do povoado de Barra Grande, acontece no mês de junho com missas, quermesses e procissão, organizadas pela comunidade católica, algumas vezes com parceria do poder público municipal. Integrantes da Igreja Católica organizam treze dias de novena, que acontece na capela do povoado. Após as missas, acontece a quermesse na Praça da Mangueira. O encerramento se dá no dia treze de junho. Uma das características do evento é a participação de muitos moradores nativos, bem como da população mais idosa do povoado. É uma festa voltada para a comunidade local e atrai pouco turismo interno do município.

Figura 04: Procissão de São Sebastião, Maraú



Foto: Acervo da pesquisadora.

Figura 05: Missa de Santo Antônio, Barra Grande



Foto: Luiza Edmée, 2009.

III. Gastronomia

Sede - Com relação à Gastronomia, perguntou-se aos moradores quais comidas de Maraú uma pessoa que visita a cidade não pode deixar de experimentar. Os Peixes e Mariscos tiveram 77% do total de citações. Os Biscoitos representaram 13% das citações e a categoria “Outros” representou 10%.

Dentre os Peixes e Mariscos, a preparação culinária mais citada foi a moqueca de peixe. Ademais, foram citadas: catados de aratu, caranguejo e siri, mariscada e outros, como peixe frito, moqueca de camarão, moqueca de polvo, moqueca de siri mole.

Grande parte dos moradores de Maraú pesca e marisca, os peixes e frutos do mar são alimentos essenciais da dieta marauense. O termo mariscar é usado para especificar a coleta de mariscos, sendo os principais o aratu, o siri e o caranguejo. Depois da coleta, geralmente os mariscos são cozidos e é feita a catagem, quando é separada a carne. Após esse processo, o marisco pode ser vendido ou consumido como moqueca, catado. Pode-se também consumir o produto inteiro cozido, sem passar pela catagem.

Tais produtos também estão relacionados à memória coletiva do lugar, pois a pesca está presente na vida da maioria das famílias, ainda que seja na lembrança, como comentou uma integrante do grupo focal:

Eu lembro que, na época de minha mãe, era tradição os pais conseguirem um dia de domingo pra ir pescar siri. Meu pai me levou muito pra pescar siri. Eu não pescava não, eu tomava banho mais do que tudo. Eu sempre voltava com um sirizinho pra casa, pra fazer aquela moqueca de siri mole (Participante 5. Grupo focal de Maraú, 2009).

A moqueca de peixe de Maraú tem preparação tradicionalmente baiana, com azeite de dendê, tomate, cebola, pimentão e coentro largo. Um ingrediente muito utilizado na elaboração do prato é o biri-biri, fruta que é encontrada em abundância no município e que também acompanha saladas, conservas, bebidas exóticas e outras preparações.

O pessoal acha que moqueca é só jogar o tempero, o azeite, não. A moqueca tem a forma de pegar o peixe, jogar o sal, a pimenta, pra poder deixar o peixe no banho-maria, só nesse tempero, deixar tampado. Rapaz...é muito bom. Aqui em Maraú tem a de D. Menininha, que é mais tradicional (Participante 1. Grupo focal de Maraú, 2009).

D. Menininha é a proprietária de um dos restaurantes mais antigos e tradicionais de Maraú. O espaço é uma referência quando se trata da gastronomia na sede do município.

Barra Grande – Com relação à Gastronomia em Barra Grande, os peixes e os mariscos corresponderam a 94% do total de citações.

A pesca em Barra Grande, assim como na sede de Maraú, é uma das principais expressões culturais das pessoas locais, e uma das bases da alimentação dos moradores. A história das camboas de Barra Grande demonstra a importância da pesca na vida dessa comunidade. Entre os peixes e os mariscos, os mais citados foram: peixe, camarão, polvo e lagosta. Quanto às preparações culinárias, as mais citadas foram moquecas de peixe, polvo e camarão e o arroz de polvo.

Durante o grupo focal uma moradora comentou:

Antigamente as pessoas sabiam cuidar das coisas que a natureza oferecia. A gente tirava da natureza só o que precisava. Quando queria comer caranguejo a gente ia no mangue e arrancava só as puãs, devolvia o caranguejo pro mangue. Por quê? Porque se a gente tirar só a puã, depois ela cresce de novo. A gente não matava o caranguejo, não. Não fazia isso que acontece agora. É por isso que agora *ta* ficando em extinção (Participante 6, grupo focal de Barra Grande, 2009).

Foram perceptíveis durante a pesquisa em Barra Grande o ressentimento e o saudosismo dos moradores mais antigos do povoado quando fizeram um comparativo entre o passado e o presente. Vários aspectos negativos foram ressaltados, não apenas com relação à pesca, mas se falou muito na falta de segurança, no crescimento desordenado, na especulação imobiliária, na favelização e nos impactos ambientais. Além disso, destacou-se a falta de valorização dos modos de vida nativos diante da dinâmica do turismo.

Figura 06: Arroz de polvo. Barra Grande



Foto: Luiza Edmée, 2009.

IV – Atividade Artesanal

Sede - Sobre a prática de Atividades Artesanais, 71% dos entrevistados disseram não praticar qualquer atividade desse tipo. Dos que disseram praticar, as principais matérias-primas utilizadas são derivadas do coco. Além desses, são feitos bordados, crochê, pinturas em tecido e trabalhos com material reciclável, como garrafas pet.

As associações existentes reclamaram, no momento da pesquisa, da dificuldade de escoamento da produção, tendo em vista que a sede não recebia fluxo significativo de turistas e as produções deveriam ser comercializadas

em outros povoados, como Barra Grande. Percebeu-se que a Associação não conseguia desenvolver suas atividades sem auxílio do governo municipal, algo negativo diante da necessidade de fortalecer a autonomia dos cidadãos por meio da geração de renda.

Considerou-se o Artesanato como uma possibilidade interessante de geração de renda para a população de Maraú, pois muitas pessoas são totalmente dependentes do poder público e sobrevivem, basicamente, do assistencialismo.

Barra Grande - Sobre Atividades Artesanais, 76% dos entrevistados responderam que não praticavam e 24% responderam que sim. Com relação ao tipo de produção, as principais foram: samburás e cestos, bordados, fuxico, pintura em tela e reciclagem. Em Barra Grande existia, no momento da pesquisa, uma associação de artesãos que trabalhava com palha do coco, produzindo abajures, luminárias, enfeites de parede e outros objetos de decoração. A Feira de Artesanato, na Praça da Tainha, expunha *stands* onde eram vendidos produtos locais – como os de palha de coco – ou de artesãos vindos de outros lugares do Brasil e do mundo.

O Grupo Arte Mainha possuía um *stand* no qual eram vendidas peças feitas com fuxico. Além desses, existiam outras lojas no povoado que comercializavam artesanatos diversos, como roupas, caixas, brinquedos, objetos decorativos em geral, porém a maioria não é de produção local. O artesanato já se configurava com uma importante fonte de renda para parte da população de Barra Grande.

Figura 07: Artesanato de palha de coco. Barra Grande



Foto: Luiza Edmée, 2009.

V - Manifestação cultural

Sede – Sobre as Manifestações Culturais de Maraú que merecem ser preservadas, a Caipora foi a mais citada (16%), seguida do Cucumbi (13%), do Mandu (12%), do Mascarado (10%), da Capoeira (7%). Outras manifestações culturais citadas pelos moradores e que se considerou importante relatar, destacando principalmente a variedade de manifestações que ainda existem na cidade, foram: Terno d’Alma (6%), Terno de Reis (6%), Catirina (5%), Festa do padroeiro São Sebastião (5%), Bumba-boi (5%), Filarmônica Lira da Conceição (3%), Grupo de Teatro Popular (3%). A categoria “Outros” representou 4% citações das citações, e 3% da amostragem respondeu que não sabe ou nenhuma manifestação merece ser preservada.

A Caipora, o Cucumbi, o Mandu e o Mascarado são manifestações que se apresentam anualmente em períodos específicos, como o Carnaval e a Festa de São Sebastião. As manifestações haviam perdido a regularidade das apresentações, algumas haviam deixado de se apresentar, mas a população voltou a encená-las e, atualmente, elas fazem parte do calendário cultural de Maraú.

A Caipora, principal manifestação escolhida pelos moradores nas duas etapas da pesquisa, se apresenta no dia 21 de janeiro, faz parte dos festejos do padroeiro São Sebastião. Caipora, segundo a lenda, é um ente fantástico que pode se apresentar de várias formas, de acordo com as crenças populares de cada região. Segundo o Dicionário Aurélio (AURÉLIO ELETRÔNICO, versão 3.0, 1999), a palavra caipora deriva do tupi e significa *morador do mato* e está relacionado com a ideia de má sorte, provoca infelicidade e azar.

Em Maraú, a caipora é considerada como um ente fantástico, representado por uma criança com cabeça feita de mamão ou de cumbuca iluminada com uma vela. Caipora é sinônimo de festa e alegria, pois se apresenta na principal data comemorativa municipal. O desfile é acompanhado pela Filarmônica Lira da Conceição e pelos moradores.

Barra Grande – Quando interrogados sobre as Manifestações Culturais que merecem ser preservadas, a Festa da Tainha foi a mais citada (19 % das citações), seguida da Capoeira (15%), da Festa de Santo Antônio (13%), da Festa de São João (11%), do Domingo Alegre (6%), da pesca de camboas (6%), do artesanato (4%), do Terno de Reis (4%) e da pesca da tainha (4%). A categoria “Outros” representou 13% das citações.

A Festa da Tainha, expressão cultural mais lembrada pelos entrevistados, foi criada no ano de 2001, no povoado de Barra Grande. Foi idealizada por um grupo de moradores com o objetivo de comemorar o período de pesca da tainha. A princípio, foi voltada apenas para a comunidade local, principalmente pescadores.

Entretanto, com o passar dos anos, ganhou destaque entre as festas do município e começou a atrair os moradores de outros povoados. A parceria entre comunidade, empresários e poder público municipal permitiu que a Festa de Tainha se concretizasse como um dos eventos mais importantes de Maraú e a festa tornou-se um atrativo turístico, com visibilidade estadual.

Figura 08: Caipora



Foto da autora, 2010.

VI. Tradição

Sede – Sobre Tradição em Maraú, a Festa do Padroeiro São Sebastião foi a manifestação mais citada (30% do total das citações). Na sequência, vieram a Caipora (15%), o Mandu (13%), o Cucumbi (6%), a Filarmônica Lira da Conceição (4%), o Terno de Reis (4%), o Terno d’Alma (4%), o Mascarado (3%), os Grupos Folclóricos (3%), as Novenas de Maio (3%). Uma pessoa respondeu que não há tradição em Maraú.

Os bens mais citados na categoria das manifestações culturais foram, também, os bens reconhecidos como tradição em Maraú. Isso demonstra a importância dessas manifestações nos modos de vida das pessoas, e sua contribuição para a construção da ideia de pertencimento. Percebeu-se em Maraú que a maioria dos moradores, dos mais jovens aos mais idosos, participa diretamente das

manifestações, como organizadores e/ou integrantes de grupos folclóricos e de eventos tradicionais. Muitas crianças participam desses movimentos e, dessa forma, a memória coletiva consegue ser transmitida entre gerações.

Barra Grande – Sobre Tradição em Barra Grande, os entrevistados responderam: as Camboas (21% das citações), a Festa da Tainha (19%), a Festa de Santo Antônio (19%), a Festa de São João (9%), a Pesca da Tainha (6%) e a Capoeira (5%). A categoria “Outros” representou 13% das citações. 9% da amostragem total não sabe ou não respondeu à pergunta.

As camboas são locais de pesca artesanal, de tradição secular, em Barra Grande. Segundo os moradores, a arte da pesca das camboas é de descendência indígena e foi passando de uma a outra geração no povoado:

É uma prática mais de centenária, e muito mais, porque Sr. Zezinho faleceu aos 89 anos, em 2001, e ele contava que ele criança cochava cordões para fazer as esteiras de camboa. Cochchar cordão é enrolar os cordões de casca de piaçava pra tecer as esteiras de camboa. Então, ele menino, cochava cordões para o avô dele, que botava as camboas. Ele (Sr. Zezinho) hoje teria praticamente 100 anos. Não era pra o pai que ele colocava, ele fazia os cordões era pro avô dele. E essa prática o avô já adquiriu de seus ancestrais também (Participante 1, grupo focal de Barra Grande, 2009).

A pesca é feita diariamente e segue o horário de fluxo das marés. As camboas pertenciam às famílias mais antigas do povoado e sua posse era passada hereditariamente ou por meio de venda. A quantidade de camboas de uma família representava o seu poder econômico.

Segundo os moradores, a fartura de peixes é bem menor atualmente, e algumas camboas estão desativadas, já que a manutenção das mesmas exige tempo e investimento financeiro. O conhecimento da arte de montar as camboas, bem como da pesca nas mesmas, é considerado uma tradição pelos moradores de Barra Grande. Foi destacado durante o grupo focal que os jovens não se interessavam em manter a tradição devido ao tempo que precisava ser dedicado à atividade, como também em função das novas possibilidades de emprego geradas pelo turismo.

Figura 09: Camboa. Barra Grande.



Foto: Erik Tedesco, 2009.

Foi possível perceber o descontentamento dos moradores mais antigos com determinadas mudanças na sociedade, com os “avanços” culturais que renegavam os conhecimentos ancestrais. A facilidade dos empregos temporários era mais valorizada pelos jovens do que a tradição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho permitiu perceber e registrar parte da riqueza e da amplitude cultural existente no município de Maraú, a partir da visão dos moradores, principais atores na construção do patrimônio cultural. Desta forma, considera-se a validade deste registro como um instrumento que pode direcionar o planejamento urbano e turístico.

Traçando um comparativo entre os dois locais pesquisados, percebe-se que na sede de Maraú a população possui papel dinâmico e fundamental na transmissão dos conhecimentos tradicionais, enquanto que em Barra Grande

os nativos demonstraram descontentamento diante das mudanças culturais causadas pelo crescimento urbano.

A relação dos moradores da sede de Maraú e do povoado de Barra Grande com a pesca artesanal é um dos traços mais fortes da cultura local. O *devir-pescador* marcado pela pesca de rede, de anzóis, ou de camboa, e pela própria relação do homem com o mar, aparece antes de tudo como uma forma de resistência aos novos modos de vida que são incorporados nos locais de estudo. O ato de pescar se configura como um movimento de valorização da vida, dos desejos e das memórias coletivas.

Atentou-se para as influências e para os efeitos que o turismo ocasionou nos modos de vida em Barra Grande, como a desvalorização da cultura local, a falta de segurança e a degradação ambiental, aspectos que foram destacados pelos pesquisados. Na sede de Maraú, onde o turismo acontece de forma insipiente, não houve esse tipo de referência.

Concluiu-se que os bens culturais citados nesta pesquisa são de fundamental importância para a identificação coletiva e memória dos moradores, portanto merecem ser registrados e preservados. Sugeriu-se que sejam criadas políticas públicas direcionadas à valorização dos saberes tradicionais da população, que os conhecimentos não sejam desvalorizados dentro da dinâmica do turismo e que sejam criadas formas de registro e de participação desses portadores da memória coletiva no contexto cultural de Maraú.

Além disto, destacou-se que o Patrimônio Cultural identificado pelos moradores possui potencial real de se transformar em atrativo turístico. A partir dessa realidade, considerou-se a viabilidade de desenvolvimento do turismo cultural, pois se acredita que essa atividade pode funcionar em favor dos modos de vida locais, valorizando os conhecimentos tradicionais, a história, a memória e respeitando as diversidades religiosas, econômicas e sociais.

REFERÊNCIAS

APOLINÁRIO, Fabio. **Metodologia da Ciência:** filosofia e prática. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2006.

ARANTES, Antônio Augusto. **Produzindo o passado:** estratégias de construção do patrimônio cultural. São Paulo: Brasiliense, 1984.

ABREU, Regina. Quando o campo é o patrimônio: notas sobre a participação de antropólogos nas questões do patrimônio. **Sociedade e Cultura**, vol. 8, n° 2, 2005. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/fchf/article/view/1010>>. Acesso em jul. 2009.

BANDUCCI JR., Álvaro. Turismo cultural e patrimônio: a memória pantaneira no curso do rio Paraguai. **Horiz. antropol.** Porto Alegre, v. 9, n. 20, Oct. 2003. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832003000200007&lng=en&nrm=iso>. Access on 20 June 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832003000200007>.

_____; BARRETO, Margarita. **Turismo e identidade local:** uma visão antropológica. 2. ed. Campinas, SP: Papirus, 2001.

BARRETTO, Margarita. **Turismo e legado cultural:** as possibilidades do planejamento. Campinas, São Paulo: Papirus, 2000.

BAUMAN, Zigmund. **Identidade:** entrevista a Benedetto Vecchi. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades**. Brasília: IBGE, 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: jun.2014.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Regionalização do Turismo**. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/turismo/programas_acoes/regionalizacao_turismo/>. Acesso em: nov.2013.

CHAUÍ, Marilena. **Cidadania Cultural:** o direito à cultura. 1. ed. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2006.

DIAS, Marcelo Henrique. A inserção econômica dos aldeamentos jesuíticos na capitania de Ilhéus. In: DIAS, Marcelo Henrique; CARRARA, Ângelo Álvaro (Orgs.). **Um lugar na história:** a capitania e comarca de Ilhéus antes do cacau. Ilhéus: Editus, 2007

FONSECA, Maria Cecília Londres. **O patrimônio em processo.** Trajetória da política federal de preservação no Brasil. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/Iphan, 1997.

_____. Da modernização à participação. A política federal de preservação nos anos 70 e 80. In. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, MEC, 1996, no. 24.

_____. Referências culturais: bases para novas políticas do patrimônio. In: **O registro do patrimônio imaterial**. Márcia G. Sant'Anna (Org.). Brasília: Ministério da Cultura/IPHAN, 2000.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan s.a., 1989.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GUEDES, Tarcila Maria. Inventário Nacional de bens imóveis tombados: instrumento para uma proteção eficaz. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.** nº. 22, 1987, p. 86 a 105 e 123 a 137.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** [trad. Thomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro]. 11. ed. Rio de Janeiro: CP&A, 2006.

CNN lista três praias baianas entre as melhores do Brasil. Jornal A Tarde. Set. 2013. Disponível em: <http://atarde.uol.com.br/turismo/materias/1534316-cnn-lista-tres-praias-baianas-entre-as-melhores-do-brasil>. Acesso: set. de 2013.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** São Paulo: Editora da Unicamp, 1994.

MAGALHÃES, Aloísio. O Estado e os órgãos da cultura. In: **E Triunfo? A questão dos bens culturais no Brasil.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

MARIANI, Alayne. A memória popular no registro do patrimônio. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.** n. 28, 1999, p. 153 a 173.

MENESES, José Newton Coelho. **História e turismo cultural.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. 25. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

PERALTA, Elsa. **O mar por tradição:** o património e a construção das imagens do turismo. Horizonte Antropológico. Porto Alegre, v. 9, n. 20, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104>. Acesso em jun. de 2014.

SANTOS, Cecília Rodrigues dos. Novas fronteiras e novos pactos para o Patrimônio Cultural. **São Paulo Perspec.** São Paulo, v. 15, n. 2, Apr. 2001. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392001000200007&lng=en&nrm=iso>. Access on 20 June 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-88392001000200007>.

SANTOS, Marisa Veloso Motta. Nasce a academia SPHAN. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.** Ministério da Cultura, nº 24, 1996. p. 77 a 95.

SIMÕES, Maria de Lourdes Netto (Org.). **Identidade cultural e expressões regionais:** estudos sobre literatura, cultura e turismo. Ilhéus: Editus, 2006.